

*Discurso na cerimônia de assinatura de decreto de lançamento do Programa de Apoio e Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada do Nordeste*

PETROLINA, PE, 26 DE SETEMBRO DE 1997

*Senhor Vice-Presidente da República, Doutor Marco Maciel; Senhor Governador Miguel Arraes; Senhor Presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães; Senhores Governadores, e há vários aqui presentes; Senhor Ministro do Meio Ambiente, Doutor Gustavo Krause; Senhores Ministros de Estado; Senhor Coordenador-Geral deste Programa, Doutor Ailton Barcelos; Senhores Senadores, Deputados, Prefeitos, Deputados Estaduais; Senhor Prefeito de Petrolina, Guilherme Coelho; Senhor empresário Manuel Dantas; Senhoras e Senhores,*

Quero iniciar esta breve alocução fazendo um agradecimento a Petrolina. Já estive algumas vezes aqui e todas as vezes em que vim a Petrolina encontrei gente motivada, gente disposta, gente com mais do que esperança, já com capacidade de realização provada. E, para agradecer à gente de Petrolina, não tendo sido possível, pelo ritual do protocolo, dar a palavra ao Prefeito de Petrolina, quero citá-lo e agradecer, em nome do Guilherme Coelho, por Petrolina.

Quero dizer aos senhores e às senhoras que o fato de estarmos, hoje, aqui, nesta mesa e sentados no auditório tantos governadores, o Gover-

nador Miguel Arraes, o Governador Paulo Souto, o Governador Garibaldi Alves, o Governador do Maranhão, o da Paraíba, o Governador do Piauí, Governador – esqueço sempre o nome do Mão Santa – Francisco Moraes; o fato de estarmos todos aqui, juntos, já mostra um espírito novo do Brasil, um espírito de cooperação. Aqui, os Governadores, o Presidente, o Vice-Presidente, o Presidente do Senado e todas as demais autoridades não se distinguem uns dos outros: somos todos, como disse o Ministro Krause, cidadãos interessados no Nordeste.

Hoje, o que nos traz aqui é a convicção de que este Nordeste começa a ser outro. Não gosto de exagerar, por isso digo: começa a ser outro. Mas eu me recordo desta mesma região, há alguns anos. A primeira vez em que aqui estive, me falaram do aeroporto. Eu pedi, em seguida, que houvesse uma ampliação da pista. Agora, nós estamos fazendo algo muito mais profundo que a ampliação da pista. Então, há a sensação de que há um processo em marcha visível fisicamente. As coisas estão acontecendo. Gostaria de voltar aqui – e voltarei, qualquer que seja...

*(Interlocutor não identificado):* Se Deus quiser!

*Presidente:* Muito obrigado.

...qualquer que seja a minha qualidade, como mero cidadão –, mas eu quero ver o ramal da estrada-de-ferro de Salgueiro a Petrolina. O Vice-Presidente Marco Maciel está empenhado nisso e sabe que eu também estou. E estamos articulando, novamente, parcerias da sociedade civil, dos empresários com o setor público, e articulando financiamentos para que isso seja possível.

Calou profundamente em mim um trabalho feito no Senado, em que o Senador Carlos Wilson, como Presidente de uma Comissão, mostrava um conjunto grande de obras inacabadas. Dentro dos limites do orçamento – e os que são governadores sabem que o orçamento é apertado, e os parlamentares também sabem –, nós retomamos muitas dessas obras.

O Ministro Krause, com empenho no setor hídrico, tem feito o possível e o impossível para que nós, realmente, rearticulemos o conjunto

hídrico do Nordeste. Ontem, ao inaugurar a última turbina de Xingó, onde tive a satisfação de dizer que, das seis turbinas, cinco foram inauguradas no meu governo, fiz menção a um conjunto de obras hídricas que eu, de memória, pude mencionar. Em quase todos os estados, senão em todos os estados do Nordeste, nós estamos fazendo obras com o objetivo de interconectar as várias regiões, de permitir que em cada uma delas haja um aproveitamento hídrico adequado. Citei que, em Alagoas, temos uma adutora que corta o sertão. Citei que, na Paraíba – e cito uma só, mas, às vezes, há mais, porque os governos locais estão trabalhando na mesma direção –, nós temos o canal de Curema Mãe D'água, que vai resolver os baixios de Souza, paixão do Governador Maranhão, minha e do nosso preclaro Antônio Marins, em homenagem a quem eu me comprometi a fazer o Curema Mãe D'água.

Se nós formos ver aqui, em Pernambuco, o Governador Arraes está empenhado, e eu também, na adutora do Oeste, que estamos fazendo, estamos construindo. Não nos esqueçamos de Jucazinho, que está em marcha – para não mencionar outros açudes, como o de Serra Talhada, onde estive e que já está feito.

Aqui está o Governador do Rio Grande do Norte, que me convidou mais de uma vez para assistir a obras que estamos fazendo naquela região. E lá estivemos, em Pataxó, estivemos na cidade do Aluísio, Anjicos, Cabuxi, Trairí. Aqui, em Pernambuco, pouco a pouco, a adutora do Oeste vai se estendendo sertão adentro. Vai chegar ao Piauí. Lá, no Piauí, temos o Petrônio Portela: está feito, está concluído. Está à espera de uma possibilidade de eu passar por lá para termos a inauguração oficial e ganhar uma medalha. Só isso já me motiva para eu ir lá. A única coisa que ele não pode fazer tão bem é uma coisa de que gosto e que dizem que não, que é a buchada que eu comi aqui, muito boa, aqui perto, no interior, em Petrolina.

Enfim, é isso por todo lado aqui neste Nordeste. Não vou deixar de lado o Ceará, senão o Tasso me telefona para reclamar; mas lá nós temos o açude de Castanhão, para mencionar um só. Ele vai se estender a um pedaço do Piauí. De qualquer maneira, aqui fica visto, ao recorrer, de memória, à geografia nordestina, que nós temos realmente um con-

junto muito grande de obras. E essas obras têm como objetivo não é ter água estancada, mas é transformar esses açudes todos em fonte de água para beber, mas também em fonte de água para plantar. É por isso, e o disse já o Ministro Krause, que nós não estamos deixando, em nenhum estado, de terminar os perímetros públicos, para que nós possamos aproveitar mais as obras hídricas existentes e para que possamos ter mais irrigantes.

Ocorre agora, aqui, este ato que nós estamos formalizando e que tem um outro significado. É que nós estamos mudando o modelo. Mudar o modelo, disse muito bem o Ministro Krause, não significa “demonizar” o velho e proclamar o novo. Significa contagiar o velho pelo novo e aproveitar no novo o que é bom do velho. Nós não estamos fazendo *tabula rasa* de nada: nós estamos construindo sobre o esforço de muitos. O Brasil não começou neste Governo. O Brasil não começou com essas obras. Houve muito esforço para chegar-se a esse ponto. Mas nós estamos agora integrando – como disse o Governador Arraes –, e é isso que conta. Estamos potenciando tudo isso.

Se nós olharmos as obras hídricas lá no Jaíba, no rio São Francisco, em Minas Gerias, veremos um conjunto impressionante. Subindo aqui na Bahia, agora em Bom Jesus da Lapa, há um movimento semelhante a esse que nós estamos assistindo aqui. Daqui a pouco, toda a área de Juazeiro será realidade. É palpável isso. Aqui, onde hoje nós inauguramos o Conjunto Maria Teresa, dando continuidade, no pontal, ao Projeto Nilo Coelho, nós temos a aspiração de seguir, e já estamos seguindo, com esse milhão de hectares de terra. E com tanto entusiasmo e justeza fala o Doutor Ailton Barcellos. Ele depende de que nós possamos avançar para chegar até o sertão do Araripe e cruzar esse sertão todo, tornando-o – na palavra bonita do nosso Ailton – um verdadeiro pomar. Isso é realidade, nós estamos renascendo nesta região, e com muita convicção, com muita convicção.

Ontem, fui procurado pelo presidente de uma importante multinacional. Por quê? Porque nós mal terminamos de fazer Xingó, e todas as projeções de demanda de energia elétrica no Nordeste são de que, ou nós colocamos mais fonte de energia de eletricidade no Nordeste, ou

não teremos como atender à demanda em 2003, 2004. Vamos nos preparar. E, quem sabe, no porto de Suape nós possamos colocar aí uma fonte de riqueza e gerar energia. E essa energia hoje começa a ser interconectada, e vai ser interconectada, porque nós estamos fazendo a conexão dos sistemas elétricos do Nordeste, do Norte e do Sul. E, no Ministério de Minas e Energia, isso está funcionando com muita rapidez. Então, a energia gerada em Suape será aproveitada onde seja necessário neste Brasil afora.

Enfim, nós temos por que acreditar. E, hoje, a agricultura tem para este Governo, como tem para o Brasil, de novo, centralidade – o Ministro Arlindo Porto sabe meu pensamento a esse respeito; o Ministro Catão sabe meu pensamento a esse respeito –, tem, repito, centralidade. Nós não podemos pensar em aproveitar as oportunidades do mundo globalizado, dispondo de terra, dispondo de sol, dispondo de água, dispondo de força de trabalho, dispondo de tecnologia, se nós deixarmos de lado a agricultura.

A visão do puro industrialismo como modernidade e agricultura como passado é completamente equivocada. Nós temos que fundir a nossa capacidade de aproveitamento das terras e dos recursos minerais com aquilo que é essencial, que é a massa cinzenta, que é a capacidade de produzir tecnologias, que é a capacidade de agregar valor pela inteligência. Fazendo isso, nós vamos avançar mais.

Claro, não quero descrever aqui um panorama que seja róseo, porque as coisas são difíceis. Foi lembrado, e com precisão, pelo Dr. Manoel Dantas quantas dificuldades há que enfrentar. O Chile, país que me abrigou quando morei no exílio, para chegar ao ponto a que chegou, passou por um percurso que nós evitamos. Foi a ditadura, foi fazer, tomar as decisões sem que ninguém contestasse. Aqui, tudo passa pelo Congresso, e tem que passar, e é bom que passe. Demora um pouco mais, mas avança. E avança com apoio de toda a população.

Eu me recordo de que, quando assumi o Ministério da Fazenda, há muito pouco tempo, não tínhamos informação de quase nada, porque tudo havia sido destruído em pouco tempo. E que a inflação chegou a 40% em um mês. E, hoje, beira os 4% no ano. Isso nós fizemos em três

anos, com o Congresso aberto, pedindo sempre licença ao Congresso, muitas vezes lutando mesmo para obter o óbvio. Nós temos confiança de que isto aqui é uma grande sociedade e um grande país porque, a despeito de tudo, faz, e faz de forma aberta.

Nós estamos começando a poder reduzir custos. O que está acontecendo nos portos brasileiros? É só ver que aconteceu em Santos o que era impensável há um ano – não mais tempo do que isso: há um ano –, em democracia, negociando com sindicatos, discutindo a privatização, fazendo com que houvesse um entendimento da sociedade. Hoje, os portos começam a passar por um processo que vai permitir uma competitividade muito maior. Leva algum tempo. Não se consegue de repente, mas se está fazendo.

Todo o programa de recomposição das rodovias no Brasil custa um recurso muito alto. Nós estamos negociando esses recursos – leva anos, porque a burocracia internacional não pensem os senhores que é mais rápida do que a burocracia nacional; até, muitas vezes, é mais lenta do que a burocracia nacional –, estamos obtendo recursos para isso.

A despeito da falta de recurso – não quero sair da região do Nordeste para dizer o que estamos fazendo para que esse Brasil volte a crescer com confiança –, continuamos uma obra que é a maior obra rodoviária em curso aqui e em toda a região das Américas: a duplicação da rodovia que vai de Belo Horizonte até o Sul do Brasil, que são milhares de quilômetros.

Mas não quero falar de rodovia. Quero falar de alguma coisa mais próxima de nós. É que nós recuperamos a idéia de que um país que tem rios, como tem os rios brasileiros, não pode se dar ao luxo de não usá-los. Não só para irrigar, mas para transportar pessoas e mercadorias. E o rio São Francisco começa a ser utilizado. Aqui, em Juazeiro, na Bahia, o Governador está fazendo a licitação já, do porto, para ser feito pela iniciativa privada. O rio já está sinalizado. E nós estamos em obras que já deviam ter sido feitas há muito tempo, até porque são baratas. E há outras um pouquinho mais caras. No rio Madeira, já estão em marcha, já estão feitas. Outras estão em marcha no Tocantins e no Araguaia. E isso vai permitir uma transformação profunda da base da nossa economia.

Portanto, aprez-me dizer tudo isso aqui, em Petrolina, que é símbolo desse novo Brasil. E quero dizer que esse novo Brasil não é isso que eu estou dizendo apenas. Não se trata apenas de um Brasil que descreve o futuro e começa a ver o futuro construído já, que recupera as suas estruturas, que se reinsere no processo econômico. É outra coisa. E disse, de novo, aqui, com razão, o Doutor Manuel Dantas: “Aqui nós não queremos apenas fazer irrigação. Não queremos apenas ter uma fruticultura moderna. Não queremos apenas fazer com que essa fruticultura realmente tenha um êxito grande. Nós precisamos integrar.” E, para integrar, nós temos que criar uma classe média sertaneja e uma massa de sertanejos que não sejam miseráveis.

Essa é a questão básica. Essa é a questão fundamental, porque o resto já até foi feito, em momento de grandiosidade no Brasil, em que a infra-estrutura deu saltos. Mas deu saltos concentrando renda. Nós, aqui, estamos dando saltos na infra-estrutura, criando condições de crescimento econômico, mas não queremos a concentração de renda e não estamos concentrando a renda. É só ver os dados estatísticos. Estamos incluindo cada vez mais gente que não tinha condições de sobrevivência entre aqueles que, pelo menos, têm alguma condição para melhorar de vida num nível mais elementar.

E, agora, aqui, com esse projeto, trata-se de criar uma outra camada, que tenha maior capacidade de compra, que possa educar melhor os filhos, que possa participar mais ativamente do mercado. É uma nova sociedade. Nós não queremos apenas um Brasil grande, até porque essa expressão às vezes irrita. Nós queremos um Brasil que seja uma nova sociedade, em que a relação entre as pessoas seja melhor, em que haja mais solidariedade e mais oportunidades efetivas.

Ontem, lancei um programa que a mim me parece fundamental para o Brasil: Toda Criança na Escola. O Brasil tem que aceitar esse desafio. O Governo Federal não tem escolas primárias. Não é uma meta para fazer campanha, como, insistente e irritantemente, querem sempre transformar as coisas. É um desafio para todos os brasileiros, de qualquer posição política, de qualquer classe social. Toda Criança na Escola porque, se nós não tivermos isso – toda criança na escola até o fim do

próximo ano –, todo o esforço que está sendo feito vai se perder. Este país será, realmente, uma grande sociedade, uma sociedade democrática, aberta, confiante e solidária somente quando, efetivamente, as pessoas puderem discernir o que lhes interessa e o que não, quando puderem ter condição mínima para um emprego que renda maior salário, quando puderem, efetivamente, escolher, e não, simplesmente, serem massa de manobra, ainda que sejam manobrados para o lado bom. Não é isso o que interessa. O que interessa é que tenham a capacidade de discernir. E só se tem capacidade de discernir quando se tem informação e formação, quando se pode separar o joio do trigo.

Nós, hoje, somos um Brasil que já pode vislumbrar para amanhã, senão para hoje mesmo, esse percurso. E esse percurso está, realmente, aqui, digamos, sintetizado, simbolizado, cristalizado quase, em Petrolina. Espero que o Doutor Ailton tenha razão e que nós possamos ver muitos pomares por esse Nordeste afora.

Muito obrigado.